



AS CRIANÇAS E A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: ESPELHOS DA SOCIEDADE

Eduardo Beltrão de Lucena Córdula¹

Secretaria de Educação, Prefeitura Municipal de Cabedelo, Paraíba

Resumo

É notória nas escolas públicas na atualidade a questão da violência e dos transtornos sociais que são externalizados pelas crianças, reflexo de um convívio gerador de problemas, que perpassam pela sociedade, comunidade e pela família, onde se dá o início de sua formação cidadã, cabendo um esforço em conjunto para solucionar tal problemática, em uma rede social protetora da infância.

Palavras-Chave: Escola; Problemas Sociais; Violência.

Agência de Fomento: Prefeitura Municipal de Cabedelo - PB

CHILDREN AND VIOLENCE IN SCHOOLS: MIRROR OF SOCIETY

Abstract

It is evident in public schools nowadays the issue of violence and social unrest externalized by the children, a reflection of a living that is a generator of problems. These problems affect the society, the community and the family, in which the children start to be educated as citizens. Thus, a conjoint effort to solve this problem is needed, a social network for children protection.

Key words: Public School, Social Problems, Violence.

AS CRIANÇAS E A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: ESPELHOS DA SOCIEDADE

A Função Social da Educação

A educação passa por grandes transformações, onde a todo o momento novas concepções de ensino e aprendizagem surgem para melhorar

¹ Especialista em Supervisão Escolar (IESP). Biólogo com Licenciatura (UFPB)/Pesquisador do GEPEC-CE/UFPB. Professor de Educação Básica do Município de Cabedelo-PB.

a qualidade do ensino na educação básica (GONÇALVES; MACÊDO; MACHADO, 1996). No entanto, nesta busca de qualidade no ensino e maximização da aprendizagem, para formação do cidadão, temos quatro esferas envolvidas no processo: indivíduo, família, comunidade e escola (Figura 1), que estão interagindo a todo o momento (LACASA, 2004).

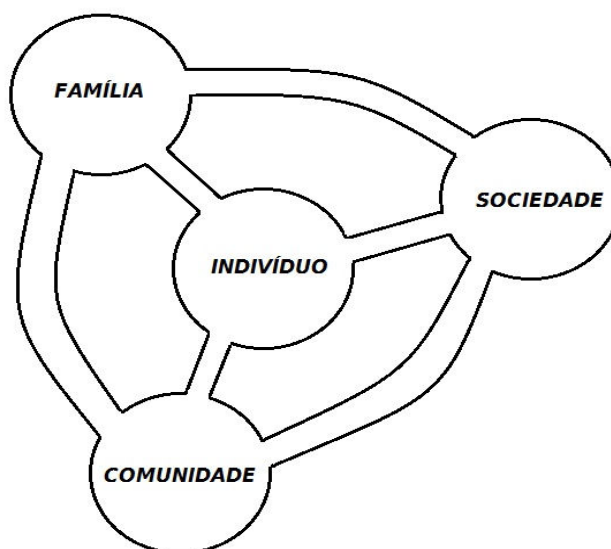


Figura 1 - Fluxo das esferas sociais na formação do indivíduo.

Todo professor passa por inúmeras dificuldades no desenvolvimento de sua profissão: ensinar e garantir que seus alunos aprendam conteúdos, que vão se tornar competências para sua vida em sociedade, como um cidadão ativo (crítico e transformador). É na sala de aula que esta maravilhosa transformação ocorre, uma evolução gradual do desenvolvimento intelectual de crianças, que se tornam adolescentes e por fim, adultos engajados dentro da sociedade, para garantirem o pleno funcionamento do sistema político, econômico e social (CÓRDULA, 2010b, p. 5).

A Criança e os Transtornos Sociais

O homem, como ser social, estabelece sua primeira rede de relação no momento que vem ao mundo. A interação com a

família confere-lhe o aprendizado e a socialização, que se estendem para outras redes sociais. É por meio da convivência com grupos e pessoas que se moldarão muitas das características pessoais determinantes para sua identidade social. Surgem, nesse contexto, o reconhecimento e a influência dos grupos como elementos decisivos para a manutenção do sentimento de pertinência e de valorização (BRASIL, 2010, p.173).

Sendo assim, as crianças chegam à escola com uma bagagem própria de informações e comportamentos, incluindo aí os aspectos culturais, educação doméstica (bons modos, moralidade, religiosidade), éticos, a sua personalidade e seu caráter em formação, seus problemas (medos, preconceitos, carências, afetivos, emocionais, etc.) (NOLTE; HARRIS, 2009).

Podemos afirmar que, no tempo atual, um professor que não tenha um nível razoável de angústia em relação à sua atividade, que não se sinta desconfortado, com certeza, não é um professor do tempo atual! (VASCONCELOS, 2007, p. 15).

A sociedade está a todo o momento passando por transformações de ascensão e declínio, devido às relações sócio-político-econômicas, que refletem diretamente na população, partindo das relações mais complexas até chegar ao indivíduo, que retroalimenta estas mudanças, pela influência sofrida por elas (CAPRA, 2006).

Convivemos no Brasil com a fome, a falta de moradia, o desemprego, a falta de serviços públicos de saúde e de lazer. Essa grande violência de base se articula com a violência da discriminação e do preconceito. A situação vivida no País, de concentração de renda e enorme desigualdade social, repercute no cotidiano escolar, nos alunos e nos professores (SCHILLING, 2004, p. 92).

Estes reflexos são notadamente percebidos, principalmente, nas crianças, frutos das relações familiares, as quais estão a todo o momento aprendendo de forma positiva ou negativa, pois, a todo o momento, estão prestando atenção nos adultos a sua volta, e intimamente, a seus pais, aprendendo não só o que eles querem que elas aprendam, mas também aprendem, em como lidar com as situações cotidianas com a prática dos adultos e que muitas vezes não percebem que estes aprendizes estão a observar tudo: gestos, palavras, expressões faciais, vocabulário etc. (NOLTE; HARRIS, 2009).

Que a família é o contexto mais importante nos primeiros anos de vida da criança ninguém questiona. O saber popular descreve bem tal ambiente, afirmando que as meninas e os meninos adquirem ali as primeiras habilidades: [...] os hábitos básicos [...] e outros mais complexos [...] (LACASA, 2004, p. 406)

Numa relação salutar, as crianças externalizam amabilidade, autoestima, confiança, honestidade, bondade, benevolência, caridade, simplicidade, paciência, generosidade, se tornam justas, e a terem respeito, que deveriam ser os ensinamentos de todas as pessoas de seu convívio, seja familiar, na comunidade ou na escola (NOLTE; HARRIS, 2009). Porém, quando educadas negativamente, por estarem a todo o momento sendo ridicularizadas, hostilizadas, criticadas, aterrorizadas, se tornam crianças que vivem com baixa autoestima, com medo, sem confiança em si mesmas, agressivas, injustas, invejosas e assim por diante (NOLTE; HARRIS, 2009). E, todo esse modelo de “educar” vem à tona no ambiente escolar, constatado no convívio da relação docente-discente, onde não há docência sem discência e vice versa (FREIRE, 1996), e o professor depende desta relação para desempenhar seu papel na formação do cidadão.

As crianças são como esponjas. Absorvem tudo o que fazemos, tudo o que dizemos. Aprendem conosco o tempo todo, mesmo quando não damos conta de que estamos ensinando (NOLTE; HARRIS, 2009, p.15)

Trabalhar atualmente no magistério com tantas adversidades, oriundas principalmente do convívio familiar, onde os pais deixam a tarefa da plenitude da formação da criança completamente para a escola (CÓRDULA, 2009), está cada vez mais desafiador. Esquecem eles, que tal responsabilidade cabe a todos, como princípio básico e fundamental ao desenvolvimento humano, principalmente, os ensinamentos iniciais na formação do indivíduo (SCHILLING, 2004). Como isto não ocorre da maneira como deveria ser, tantos problemas se refletem na escola, sendo ela, muitas vezes, apontada como foco de conflitos não resolvidos e que se voltam para a sociedade (SCHILLING, 2004).

A escola entra neste debate contemporâneo sobre a violência, ora como vítima da violência externa, ora como vítima algoz, quando vista como uma instituição com sua cota própria de violência (SCHILLING, 2004, p. 60).

Este paradigma dilemático é evidenciado na escola, pelo seu papel socializador e educador das crianças, adolescentes e jovens, já que é



integrante da comunidade e da sociedade conforme a Figura 1, e, é nela, que as crianças externalizam todos os transtornos a que estão expostas, pois, o que na realidade existe para quem esta vivenciando a sala de aula de uma escola pública todos os dias, é que, estes problemas partem da sociedade, da comunidade e da família para o indivíduo, e dele, para a escola, cujo papel desta última, é de prover uma formação preparativa para o engajamento do indivíduo na sociedade, com competências necessárias à sua cidadania (LACASA, 2004; CÓRDULA, 2009; CÓRDULA, 2011a).

Nos contextos educacionais, e muito particularmente nos escolares, entretanto, os processos de ensinar e aprender estão indissolavelmente relacionados, de tal maneira que “poucos negarão que a aprendizagem [...] é o primeiro propósito da educação e que o ensino [...] é o principal meio pelo qual se alcança tal propósito” (COLL, 2004, p.38).

Mas no meio deste percurso, entre as esferas sociais, há uma quebra do trabalho da escola na plena formação da criança, e que acaba futuramente, retornando a ela. As políticas públicas por sua vez, devem não só investir na escola, mas também na família, na comunidade e na sociedade para que se tenha uma interrupção destes reflexos na escola, já que as crianças aprendem o que a família, a comunidade e a sociedade lhes ensinam diretamente ou indiretamente (NOLTE; HARRIS, 2009), pois, as crianças, absorvem informações a todo o momento, devido a sua contínua formação cognitiva, própria da fase de desenvolvimento biológico (PIAGET, 1979; RODRIGO; CORREA, 2004).

Com estes aspectos demonstrados na escola: violência física e verbal, descompromisso, irresponsabilidade, desapego aos estudos, isolamento e tantos outros, as crianças estão nos dando um alerta de que algo está errado, algo está interferindo diretamente na sua formação como ser humano (NOLTE; HARRIS, 2009).

Permitir que nossas crianças nos ensinem novas maneiras de enxergar o mundo cria uma experiência familiar dinâmica em que todos aprendem e crescem juntos (NOLTE; HARRIS, 2009, p. 21).

A Escola como Mediadora

Para Marinho-Araújo (2010), a escola como parte fundamental da sociedade e também reflexo da mesma, é um forte mecanismo de controle social, por atribuir estabilidade ao sistema sócio-político-econômico, e, é nela,



que ocorrem os processos de manutenção e de transformação cultural da sociedade.

Por outro lado, a escola não pode ficar a mercê desta problemática da violência, nem omissa na busca de solução, mas que deve partir da união conjunta de esforços entre setores e esferas públicas, bem como, trazer a comunidade para ela e, principalmente, a família (LACASA, 2004). Com este árduo trabalho, ocorrerão reflexos imediatos no convívio social da criança, com mudanças tão almejadas por muitos educadores em seu ato de ensinar (CÓRDULA, 2009).

Quando se coloca a escola como mediadora do processo de mudanças, nos recorre imediatamente o(a) professor(a), cuja função é de mediar o processo de educar, estando totalmente qualificado(a) para atuar de forma a desmaterializar e desmistificar a violência, a partir da contextualização da realidade vivenciada pela escola em que está atuando, e assim, reconstruir a identidade, os valores e a cultura do alunado, que ora é vítima e ora pode ser desencadeador deste grave problema social (MARINHO-ARAÚJO, 2010).

A estratégia mais adequada é a do tipo preventivo. É necessário que o indivíduo, a família, os professores, os colegas de classe e a sociedade em geral evitem esses problemas e não favoreçam a generalização dos efeitos de cada uma de suas possíveis causas (LÓPEZ, 2004, p.125).

Um dos modelos mais aceitos na atualidade é a solução de problemas como meio para propiciar o processo de ensino-aprendizagem na escola, atrelando os conteúdos curriculares às questões paradigmáticas da sociedade (POZZO, 1998).

Orientar o currículo para solução de problemas significa procurar e planejar situações suficientemente abertas para induzir nos alunos uma busca e apropriação de estratégias adequadas não somente para darem respostas a perguntas escolares como também, às da realidade cotidiana (POZZO, 1998, p.14).

É na sala de aula que as adversidades, as diferenças e os mais diversos problemas surgem, muitas vezes de forma imprevisível, não podendo, portanto, o(a) professor(a) querer agir de forma automática, mecânica para reverter tais situações, mas sim, como mediador(a) dos conflitos, pois caso contrário, poderá entrar em choque direto com eles e, ao invés de revertê-los, poderá agravá-los (MARINHO-ARAÚJO, 2010). O(a) professor(a) está preparado(a) e tem as habilidades necessárias para exercer o magistério, mas o problema de sua atuação está em conseguir, criativamente, pacificamente e pedagogicamente lidar com as novas situações que surgem cotidianamente no



universo chamado sala de aula (VASCONCELOS, 2007). E, a formação continuada se faz necessária na medida em que traz subsídios teóricos, experiências e ações que podem ser adaptadas e se tornarem luz no caminho para as novas mudanças, já que, esta busca pelo saber parte do desejo de que a escola (corpo administrativo e pedagógico) e o corpo docente assumam o seu papel como mediadores e formadores do aluno cidadão, partindo da premissa de que estamos inseridos em uma sociedade que muda constantemente em virtude dos seus próprios paradigmas, paradoxos e progressos científico-culturais (BRASIL, 2010; CÓRDULA, 2011b).

“Tudo isto, pede do professor uma revisão da compreensão de sua atividade e de sua atitude profissional” (VASCONCELOS, 2007, p. 48), perante tais situações vivenciadas em sua realidade educativa, sem ficar apático a estes problemas, e sim, envolvido no processo de mudança através de uma práxis transformadora dos eventos sociais refletidos pelas crianças (VASCONCELOS, 2007), pois, “todo fazer é um conhecer, e todo conhecer é um fazer” (MATURANA, 2001, p. 32), e “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22)

O professor tem um grande papel dado que trabalha com dois elementos da maior importância: as novas gerações e o conhecimento. [...] Não se trata de uma tarefa fácil, mas com certeza, é muito bonita! É uma das experiências mais fortes e significativas do ser humano: poder participar da formação do outro (VASCONCELOS, 2007, p. 48).

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p. 24).

Atualmente, o paradigma da violência, a busca pela segurança e pela cultura da paz faz surgir o modelo de Rede Social Protetora (RSP) como método de prevenção aos problemas das mais diversas ordens e que atingem indireta e/ou diretamente as crianças, adolescentes e jovens que estão nas escolas (BRASIL, 2010; NUNES, 2003).

A educação pela Paz conclama as consciências dos pais, professores e de todos os estudantes da vida para compreenderem o poder da Não-Violência Ativa, atuando através de ações pedagógicas inteligentes, exequíveis e eficazes que possam neutralizar as nascentes da violência,

antes que ela possa afetar a nossa sociedade (NUNES, 2003, p. 17).

Este sistema de RSP coloca a escola no centro de um sistema ramificado que forma uma malha protetora ao redor dos estudantes, garantindo assim sua qualidade de vida com pleno desenvolvimento psico-cognitivo-social. Este sistema em rede se dá em virtude da união de esforços e parcerias para reverter e solucionar a problemática em questão ao longo do tempo, e que se manifesta na escola como processo de externalização da distorção dos modelos sociais positivos e desejáveis (CÓRDULA, 2011c; BRASIL, 2010).

O conceito de rede social como um meio de fortalecimento das relações interpessoais concretas, que vinculam indivíduos a outros indivíduos, vem se ampliando dia a dia à medida que se percebe o poder da cooperação como atitude que enfatiza pontos comuns em um grupo para gerar solidariedade e parceria (BRASIL, 2010, p. 173).

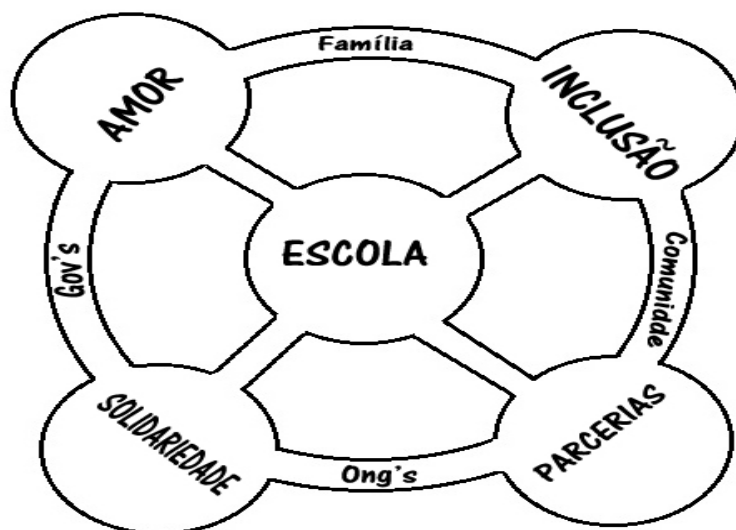


Figura 2 – Fluxograma da escola em Rede Social Protetora, com base em Brasil (2010) e Córdoba (2011c).

A base da rede são as ações efetivas em conjunto e as direcionadas para a sensibilização de todos os envolvidos, e não só do público alvo que são as crianças, adolescentes e jovens, para que se tenha um novo processo de reflexão-ação-reflexão e tomada de mudanças necessárias para

traçar o novo paradigma para a sociedade de forma revitalizadora e expansora da condição social salutar humana (BRASIL, 2010).

Quadro 1 – Funções da Rede Social Protetora (RSP)

<p><i>Companhia social:</i> realização conjunta de atividades ou compartilhamento da rotina cotidiana;</p> <p><i>Apoio emocional:</i> pessoas mais íntimas, que permitem um clima de compreensão, simpatia, empatia e estímulo;</p> <p><i>Guia cognitivo e de conselhos:</i> interações destinadas a compartilhar informações, esclarecer expectativas etc.;</p> <p><i>Regulação social:</i> interações que lembram e reafirmam responsabilidades e papéis, neutralizam os desvios de comportamento, favorecem resolução de conflitos etc.;</p> <p><i>Ajuda material e de serviços:</i> pessoas ou instituições que contribuem com informações e conhecimentos sobre serviços e necessidades materiais;</p> <p><i>Acesso a novos contatos:</i> pessoas ou instituições que ajudam a ampliar a rede social, por meio de conexões com novas pessoas.</p>
--

Fonte: BRASIL (2010, p. 146)

A família, portanto, é a peça-chave do processo na medida em que está presente na escola, na comunidade e representante da sociedade, para assim, saber lidar com a problemática transformando situações negativas em positivas para o crescimento de todos (CÓRDULA, 2011c)

Conclusão

O fundamental e vital para que estas mudanças ocorram, é que não fiquem apenas em discursos, numa demagogia sem fim, ou pelos modismos que surgem na educação e que na realidade não trazem mudanças reais. Mas sim, em ações planejadas e articuladas em uma rede social protetora para a criança, buscando reverter este paradigma social que aflige suas vidas e constituindo assim, um futuro cidadão humanizado.

As ações preventivas munidas da participação de todos que integram a RSP, com a troca de experiências e das diferentes abordagens e visões da problemática, trarão resultados a curto, médio e longo prazo. E, todos os envolvidos, tornar-se-ão multiplicadores e propagarão um novo modelo para a sociedade, com efetivação da justiça social, tolerância, respeito,



igualdade, solidariedade, e demais valores éticos e morais, construídos a partir de nossa realidade contemporânea.

Referências

- BRASIL. **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**. Brasília: SNPD, 2010, 286p.
- CAPRA, F. **O Ponto de mutação**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.
- COLL, C. Concepções e tendências atuais em psicologia da educação. In: COLL, C; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Org.) **Desenvolvimento psicológico e educação**. Vol. 2. 2ª ed. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004, p.19-44.
- CÓRDULA, E. B. L. A educação pelos olhos do professor. João Pessoa, PB: **Jornal da Paraíba**, 26 nov. 2009, Cidades, p. 05.
- _____. Modismos educacionais. João Pessoa, PB: **Jornal da Paraíba**, 22 jul. 2010a, Cidades, p. 05.
- _____. A educação e a sociedade. João Pessoa, PB: **Jornal da Paraíba**, 17 nov. 2010b, Cidades, p. 05.
- _____. **Cidadania ativa**. Cabedelo, PB: EBLC, 2011a, 65p.
- _____. **Educação socioambiental em textos: da sensibilização, à reflexão, à ação**. Cabedelo, PB: EBLC, 2011b, 99p.
- _____. A violência na escola. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, nº 07, 15 fev. 2011c. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0282.html>. Acesso em: 15 fev. 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONÇALVES, E. P.; MACEDO, L. S.; MACHADO, M. S. B. **O Desafio da qualidade em educação: historicidade, ideologia e perspectivas práticas**. João Pessoa, PB: Ed. Universitária da UFPB, 1996.



LACASA, P. Ambiente familiar e educação escolar: a interseção de dois cenários educacionais. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. [Org.] **Desenvolvimento psicológico e educação**. Vol. 2. 2ª ed. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 403-419.

LÓPEZ, F. Problemas afetivos e de conduta na sala de aula. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Org.) **Desenvolvimento psicológico e educação**. Vol. 2. 2ª ed. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 113-128.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. A escola como espaço de transformações sociais e individuais. In: BRASIL. **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**. Brasília: SNPD, 2010, p. 50-56.

MATURANA, H. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Atenas, 2001.

NOLT, D. L.; HARRIS, R. **As crianças aprendem o que vivenciam**. Tradução de Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

NUNES, C. S. **Educação pela paz**: um guia para os pais, professores e todos os estudantes da vida. 3ª Ed. João Pessoa, PB: Qualigraf, 2003, 172p.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

POZZO, I. J. Aprender a resolver problemas e resolver problemas para aprender. In: POZZO, I. J. (Org.) **A solução de problemas**: aprender a resolver, resolver para aprender. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 13-42.

RODRIGO, M. J.; CORREA, N. Representações e processos cognitivos: esquemas e modelos mentais. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Org.) **Desenvolvimento psicológico e educação**. Vol. 2. 2ª ed. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 81-93.

SCHILLING, F. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

VASCONCELOS, C. S. **Para onde vai o professor?** Resgate do Professor como Sujeito da Transformação. 12ª ed. São Paulo: Libertad, 2007.

Enviado em: 11/01/2011

Aceito em: 23/08/2011